



A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL A PARTIR DA CATEGORIA DE PAISAGEM CULTURAL MUNDIAL: estudo de caso de Fray Bentos (Uruguai)

COSTA, LUCIANA DE CASTRO NEVES (1); CRUZ, UBIRAJARA BUDDIN. (2)

1. Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Rua Lobo da Costa 1877, Pelotas (RS)
lux.castroneves@gmail.com
2. Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Rua Lobo da Costa, 1877, Pelotas (RS)
ubirajara.cruz@gmail.com

RESUMO

A noção de paisagem alterou-se significativamente ao longo de sua trajetória de consolidação nas políticas patrimoniais. De uma perspectiva detidamente visual, aproximando-se da noção de entorno, ambiência ou cenário, a concepção de paisagem passou, em um momento contemporâneo, a representar a interação entre seres humanos e meio ambiente, e, dentro desta perspectiva, a assumir diferentes formas de representar tal interação, a partir de diferentes referências culturais compreendidas no entendimento de Paisagem Cultural, categoria adotada pela UNESCO em 1992. Dentre tais referentes, encontram-se àqueles vinculados ao patrimônio industrial, configurando um novo entendimento da interação entre sociedade e meio ambiente, e instigando um novo olhar direcionado aos referentes ligados à indústria, a partir de uma concepção mais integrada e com enfoque territorial. Neste sentido, o presente trabalho busca analisar como a noção de Paisagem Cultural contribui para a compreensão, valorização e gestão do patrimônio industrial, a partir do estudo de caso da Paisagem Industrial de Fray Bentos, no Uruguai.

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Patrimônio Industrial; Fray Bentos (Uruguai).

Introdução

A noção de paisagem cultural na esfera patrimonial viria a influenciar significativamente nosso entendimento acerca do patrimônio concebido como cultural e natural. De uma perspectiva detidamente visual, associada à natureza e ao meio ambiente, aproximando-se da noção de entorno, ambiência ou como cenário de bens arquitetônicos, a concepção de paisagem adotada nas políticas patrimoniais passou, em um momento contemporâneo, a representar a interação entre seres humanos e meio ambiente, concentrando uma variedade de manifestações culturais materiais e intangíveis e assumindo novas formas de representação identitária a partir de diferentes referências culturais compreendidas neste entendimento, que viria ainda influenciar nosso modo de compreender e preservar bens e sítios patrimoniais.

A tipologia de Paisagem Cultural adotada pela UNESCO em 1992 apresenta em seu cerne conceitual a representação do trabalho combinado da natureza e dos indivíduos, envolvendo uma variedade de bens assim enquadrados na Lista do Patrimônio Mundial. Por constituir-se em um palimpsesto, a paisagem concentra nas formas as heranças sucessivas estabelecidas entre seres humanos e meio ambiente, permitindo compreendê-la sob uma perspectiva transtemporal (SANTOS, 2006). Dentre as diversas manifestações patrimoniais abrangidas pela noção de "paisagem cultural", encontram-se àquelas referentes ao patrimônio industrial, como a Paisagem Industrial de Blaenavon (no Reino Unido) e a Paisagem Industrial de Fray Bentos (no Uruguai). A valorização e inscrição de tais paisagens se enquadra em um movimento mais amplo de reconhecimento de referentes industriais como bens patrimoniais, impulsionados em parte pela elaboração da Carta de Nihzny Tagil, em 2003, e por uma aparente inversão de valores e sentidos, com a ressemantização dos lugares de trabalho em lugares de memória (FERREIRA, 2009).

A presença de paisagens industriais inscritas como Paisagem Cultural Mundial indicam a amplitude conceitual e tipológica desta categoria de bem patrimonial, evidenciando aspectos para além dos edificados referente à estruturas industriais, envolvendo objetos, maquinários, saberes e ainda a adaptação e interação entre as atividades desenvolvidas e as características físicas do ambiente que as compõem. Referindo-se especificamente à Paisagem Industrial de Fray Bentos, no Uruguai, o sítio constitui-se em um complexo industrial situado a oeste da cidade de Fray Bentos, banhado pelas águas do rio Uruguai. Compreende os edifícios e equipamentos da empresa *Liebig Extract of Meat Company*

Limited (LEMCO) que, em 1865, passou a exportar extrato de carne principalmente para a Europa, estabelecendo relações comerciais com países como Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda, França, Dinamarca, Áustria, Espanha, Polônia, Rússia, Turquia, e ainda Estados Unidos. Mesmo com o encerramento das atividades fabris no passado, a paisagem ainda contempla a representação de toda cadeia de processamento de carne (abastecimento, processamento, embalagem e distribuição), envolvendo casas de trabalhadores, instalações industriais, bem como a relação destas na composição desta paisagem industrial.

Neste sentido, o presente trabalho busca analisar como a noção de Paisagem Cultural contribui para a compreensão, valorização e gestão do patrimônio industrial, a partir do estudo de caso da Paisagem Industrial de Fray Bentos, inscrita na Lista do Patrimônio Mundial em 2015.

A Paisagem Cultural como Patrimônio

A noção de paisagem adotada nas políticas patrimoniais internacionais começa a figurar em cartas e recomendações, aproximando-se inicialmente das noções de "vizinhança", e da preservação de "perspectivas particularmente pitorescas", como na Carta de Atenas, de 1931 (IPHAN, 1995, p. 16). Ou ainda nas Normas de Quito, de 1967, quando o termo "paisagem" é mencionado, porém aparentemente associado à noção de panorama, e sendo sua apropriação ou transformação pelo ser humano uma condição imprescindível para sua consideração como monumento nacional (IPHAN, 1995, p. 128). Outra importante diretriz patrimonial a abordar a paisagem refere-se à Recomendação relativa à Salvaguarda da Beleza e do Caráter de Paisagens e Sítios, de 1962, promovida pela UNESCO ainda antes da Convenção do Patrimônio Mundial. Elaborada na 16ª sessão da UNESCO, a recomendação estabelece como propósito a preservação e, onde possível, a restauração, do "aspecto de paisagens e sítios naturais, rurais e urbanos, sejam naturais ou formados pelo homem, que tenham um interesse cultural ou estético ou que formem arredores naturais típicos" (UNESCO, 1963, p. 139, tradução nossa).

O processo de consideração da paisagem cultural como tipologia de bem patrimonial, no entendimento atual que a configura, viria a se intensificar a partir da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, organizada pela UNESCO, em 1972, com a criação da Lista do Patrimônio Mundial. Nesta lista, os bens poderiam ser classificados em duas categorias, a partir do valor atribuído a eles: como patrimônio natural e patrimônio

cultural, evidenciando o antagonismo entre as categorias, em uma concepção que refletia a preocupação bipartida com o patrimônio mundial, oriunda de dois movimentos separados: em um lado a preservação de sítios culturais, e no outro a conservação da natureza (RIBEIRO, 2007). A definição de patrimônio cultural concebia, assim, dentre outros elementos, as "obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza". Posteriormente, à definição de patrimônio cultural e natural, foi criada a categoria de bem misto, visando contemplar aqueles bens que tinham sua inscrição justificada tanto por critérios naturais quanto culturais, diante de seu valor universal excepcional, mas sem que a relação entre eles na configuração do sítio fosse objeto de análise ou valoração.

A figura da paisagem cultural enquanto tipologia de bem patrimonial viria a se consolidar em 1992, na 16ª sessão da Convenção relativa à Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, promovida pelo Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO. As paisagens culturais são definidas como propriedades que representam o trabalho combinado da natureza e dos indivíduos, capazes de ilustrar a trajetória histórica da sociedade humana e seus assentamentos sobre a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças social, econômica e cultural que nelas interferem (UNESCO, 2009). Ainda segundo a UNESCO, a inscrição da Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial é justificada pela sua possibilidade em revelar e manter uma grande diversidade de interações entre humanos e seus ambientes, em proteger culturais tradicionais vivas e preservar traços daquelas já desaparecidas.

Tendo como seu cerne conceitual áreas que apresentem (e representem) a interação entre seres humanos e meio ambiente, a tipologia de Paisagens Culturais Mundiais envolve desde paisagens integralmente e propositalmente desenhadas, até paisagens marcadas pela intangibilidade de vestígios humanos, ou seja, em que há uma atribuição de sentidos a determinados elementos físicos da paisagem, cuja esfera cultural está centrada não na materialidade da presença humana, mas no simbolismo atribuído à natureza. Neste sentido, o entendimento sobre esta nova tipologia inicialmente foi marcado por esta vertente, mais associada à interação simbólica com os elementos naturais, o que pode ser confirmado a partir da inscrição das duas primeiras Paisagens Culturais na Lista do Patrimônio Mundial: o Parque Nacional Tongariro, na Nova Zelândia, formado por montanhas que possuem significados culturais e religiosos atribuídos pela população indígena Maori; e o Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta, na Austrália, cuja denominação deriva de um grande monolito (Uluru) e suas cúpulas de pedra (kata tjuta), e que integram o sistema de crenças do grupo aborígine Anangu. Tanto Tongariro quanto Uluru-Kata Tjuta já constavam na Lista como

patrimônio natural, sendo reinscritos como paisagem cultural a partir da adoção desta tipologia.

Apesar de estar marcada inicialmente por bens e sítios vinculados à intangibilidade das manifestações culturais atribuídas à elementos do meio ambiente, a noção de paisagem dentro da esfera da UNESCO conheceria sua amplitude conceitual e tipológica no decorrer de sua aplicação a diferentes sítios. Neste sentido, a categoria de Paisagem Cultural Mundial atualmente contempla sítios em que a interação entre seres humanos e meio ambiente ainda está em desenvolvimento, e sítios cuja interação permanece por meio de vestígios materiais na paisagem. Além disso, tal interação manifesta-se nos modos de apropriação destas paisagens, por meio de seu uso e função: agrícola, como é o caso das paisagens vinícolas do Douro, em Portugal, e Tokaj, na Hungria, ou das paisagens cafeeiras, como na Colômbia; jardins e parques, como Sintra, em Portugal, e o Parque Muskauer/Muzakowski, na fronteira entre Alemanha e Polônia; e ainda em sítios vinculados à questão industrial, como é o caso da Paisagem Cultural de Blaenavon, no Reino Unido, e da Paisagem Industrial de Fray Bentos, no Uruguai.

Fowler (2003) já alertava para esta variedade tipológica da categoria de Paisagem Cultural, sinalizando ainda outras vertentes que poderiam ser abertas sobre este entendimento, como: paisagens relacionadas à dieta humana, como culturas agrícolas (que já vem ocorrendo), e criação de animais (como as *sheepscares* ou *fishingscares*, relacionadas respectivamente às ovelhas e à pesca), paisagens associadas à questão nuclear, ou militar, ou ainda de comunicação, ou ainda relacionadas à religiões e crenças, entre outras vertentes. Para este autor, a paisagem cultural abriria a possibilidade de criar monumentos e homenagear os sujeitos sem rosto, sem reconhecimento ou visibilidade nas políticas patrimoniais (*faceless ones*), pessoas que viveram e morreram sem registros a não ser pela paisagem produzida por seu trabalho. Neste sentido, ainda de acordo com Fowler (2003, p. 77, tradução nossa), "uma paisagem cultural é um memorial ao trabalhador desconhecido" (*unknown labourer*).

Seria a partir do caráter de herança, das formas materializadas que representam a interação entre seres humanos e meio ambiente em uma perspectiva temporal, que a paisagem seria adotada nas políticas patrimoniais. Isto porque a paisagem não participa como suporte passivo, mas sim como existência ativa, integrante e testemunha de uma dinâmica cultural que se constrói no tempo e se manifesta no espaço. Segundo Santos (2002), a paisagem constitui-se em história congelada que participa ao mesmo tempo da história viva, influenciando a vida no espaço. Trata-se assim de um longo período de evolução natural e de

muitas gerações de esforço humano, o que nos leva a considerar o caráter evolutivo e dinâmico da paisagem, em sua configuração e expressão espacial.

Ao envolver a união indissociável dos elementos, a paisagem cultural apresenta-se sob a forma de um sistema. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e interdependentes. Esta combinação de elementos visíveis e invisíveis só pode ser percebida através de uma análise do conjunto global, o que indica que a identificação da paisagem está diretamente ligada ao conjunto dos elementos ali presentes (SAUER, 1998). Conforme afirma Trachana (2011, p. 190, tradução nossa)

a paisagem abarca uma amplitude, o lugar em si, sua geomorfologia, e suas características naturais, seu entorno construído, tanto histórico quanto contemporâneo, suas infraestruturas, seus espaços abertos e jardins, suas características construtivas e sua organização espacial; as relações visuais e todos os outros elementos da estrutura urbana e do território. Também inclui práticas sociais e culturais, processos econômicos e as dimensões intangíveis do patrimônio que definem sua identidade e diversidade.

Dentro desta perspectiva, a noção de paisagem abre margem para consideração do patrimônio a partir de um enfoque territorial, sendo responsáveis pela composição da paisagem não apenas as estruturas materiais e características do meio ambiente, mas ainda os significados atribuídos, às práticas desenvolvidas nestes locais, e os próprios sujeitos que produzem, reproduzem e transformam a paisagem. Atualmente, 98¹ Paisagens Culturais compõem a Lista do Patrimônio Mundial, e dentro deste leque conceitual e tipológico aberto por tal categoria de bem patrimonial, viria a figurar o patrimônio industrial, discutido mais aprofundadamente a seguir.

A Noção de Paisagem a partir do Patrimônio Industrial

Conforme define Candau (2012), a elaboração e seleção do patrimônio segue o movimento das memórias e acompanha a construção de identidades: seu campo se expande quando as memórias se tornam mais numerosas; seus contornos se definem ao mesmo tempo em que as identidades colocam, sempre de maneira provisória, seus referenciais e suas fronteiras.

A preocupação com os acervos industriais relacionados hoje ao que compreendemos como patrimônio industrial enquanto legado a ser preservado inicia-se na Europa, no período pós Segunda Guerra, com a destruição de fábricas e a degradação de áreas industriais e bairros operários. Nesta época, foi construída a expressão *arqueologia industrial* e ampliado o campo de atuação dos arqueólogos na preservação. Na década de 1960, o patrimônio industrial ganhou maior atenção, quando, na Europa, houve profundas transformações no sistema de produção. A França criou uma seção, em 1986, pela Comissão Superior dos Monumentos Históricos, de patrimônio industrial, que envolvia desde edifícios à cidades inteiras. Conjuntos industriais e vilas operárias das primeiras décadas do século XX tem sido alvo de interesse e reconhecimento pelas tipologias urbanas e arquitetônicas até então não consagradas, isso graças à ampliação do conceito de patrimônio (CHOAY, 2006).

Apesar de políticas pontuais envolverem-se com a temática do patrimônio industrial em alguns países, sua consolidação conceitual e reconhecimento a partir de normativas internacionais dar-se-ia em 2003, em uma assembleia geral da Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage - TICCIH*), organização mundial que também assessora o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (*International Council of Monuments and Sites*), vinculado ao Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO. Nesta assembleia, elaborou-se a Carta de Nizhny Tagil, considerada um marco nas políticas de preservação patrimonial referentes ao patrimônio industrial. Segundo este documento, o patrimônio industrial compreende

os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (TICCIH, 2003).

Ressalte-se que a aproximação entre paisagem e patrimônio industrial não se limita à sua incorporação como categoria de bem patrimonial, mas sim como uma abordagem de compreensão dos sítios vinculados ao contexto industrial. Neste sentido, Sobrino (2008) defende que a paisagem e a arquitetura industrial devem conformar uma unidade, uma vez que a indústria constitui-se em um reflexo do uso que a sociedade faz do meio ambiente,

¹ A relação completa de Paisagens Culturais encontra-se disponível na página eletrônica do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, em: <<http://whc.unesco.org/en/list/>> Acesso em: 01 jul. 2016.

enfatizando ainda a necessidade de "pensar o patrimônio industrial desde o território", enquanto estratégia de gestão de tais sítios (SOBRINO, 2008, p. 170). Ainda de acordo com o autor, o patrimônio industrial seria constituído por bens móveis e imóveis gerados no decorrer do tempo por atividades produtoras e extrativistas humanas. Tais bens inserem-se em uma paisagem que também devem ser objeto de proteção, pois tratam-se de uma consequência direta do uso que a sociedade faz do patrimônio natural (SOBRINO, 1997).

A integridade funcional é um elemento destacado por vários autores (FERREIRA, 2009; SOBRINO, 2008) e ainda pela própria carta de Nizhny Tagil. Isto porque tais contextos industriais carecem não apenas da estrutura arquitetônica para sua compreensão, mas ainda dos maquinários, equipamentos, e outros elementos que informam e representam o contexto de trabalho de tais sítios, informando ainda e principalmente, sobre os sujeitos por trás deste contexto industrial, contribuindo para um processo de vocalização destes sujeitos. Neste sentido, um dos valores destacados do patrimônio industrial é o valor social, como parte do registro de vida de pessoas comuns, e que, como tal, confere aos bens e sítios industriais um importante sentimento identitário, reconhecendo e representando novas histórias e novos referentes identitários dentro da narrativa patrimonial, seja em escala mundial, como propõe o entendimento de Patrimônio da Humanidade da UNESCO, quanto em escala nacional, a partir dos órgãos de preservação dos diferentes países, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Brasil. Tais valores seriam intrínsecos aos sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, ao seu maquinário, à sua paisagem e ainda à sua documentação e aos registros intangíveis contidos na memória das pessoas envolvidas com este contexto.

De acordo com Trachana (2011), o entendimento de paisagem industrial aglutina e confere sentido a elementos que, isolados, careceriam de valor: as construções e formações artificiais, a interação dos elementos técnicos com os elementos naturais nos processos de extração, a transformação de matérias-primas e produção de bens de consumo, a construção de infraestruturas de transporte, comércio, comunicações, estruturas de condução de água e energia. Tais paisagens estão impregnadas da memória do trabalho e da história da sociedade a partir da história industrial. Neste sentido, parece haver uma ressignificação de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em lugar de memória. Assim, a patrimonialização destes lugares confere aos mesmos outros sentidos: "inseridos em uma outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passa, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento" (FERREIRA, 2009, 22).

A compreensão dos vestígios industriais a partir do caráter de legado advém de um processo de destruição e abandono de tais acervos, quando métodos tradicionais passaram a ser substituídos pelo desenvolvimento de tecnologias mais avançadas que tornaram obsoletos prédios, máquinas e processos industriais. De acordo com Ferreira (2009), a noção de patrimônio industrial se relaciona com processos produtivos e matrizes tecnológicas que desaparecem, sendo os vestígios destas atividades testemunhos das mudanças culturais que acompanham os modelos produtivos. Para além das atividades produtivas em si, as paisagens são consideradas marcos de vida, vidas estas materializadas, evocadas e representadas pelo contexto industrial de tais paisagens, em seus componentes físicos (móveis ou imóveis), e nos significados atribuídos aos mesmos pelos sujeitos partícipes do processo industrial desenvolvido em tais locais (TRACHANA, 2011).

Entre algumas paisagens culturais inscritas na Lista do Patrimônio Mundial a partir de seu caráter industrial, encontramos a Paisagem Industrial de Blaenavon, no Reino Unido, e Paisagem Industrial de Fray Bentos, no Uruguai, que nos informam sobre os valores atribuídos às mesmas a partir da ótica desta categoria de bem patrimonial - a Paisagem Cultural - bem como os critérios que justificam sua inclusão no rol de bens e sítios considerados Patrimônio da Humanidade. Além de Blaenavon, o Reino Unido possui ainda outras três Paisagens Culturais Mundiais, sendo uma delas igualmente associada à referentes industriais, como a Paisagem de Mineração de Cornwall e West Devon, possivelmente em função do movimento de preocupação com o patrimônio industrial iniciar-se, entre outros locais, em países do Reino Unido.

Blaenavon está situada no país de Gales, a 40 quilômetros da capital, Cardiff, e materializa o papel importante daquele país ao longo do século XIX na produção de ferro e carvão. O sítio apresenta vestígios de minas de ferro e carvão, uma rede ferroviária primitiva, canais, um complexo de 06 altos fornos preservados, além de casas de metalúrgicos e de outros trabalhadores, bem como vestígios da infraestrutura geral da comunidade. Os sítios de Blaenavon e Big Pit (abrangida pela Paisagem Cultural), juntamente com os vestígios da exploração mineral, manufatura, transporte, fornece um quadro explicativo dos elementos cruciais do processo de industrialização. De acordo com a UNESCO, em função da presença destes elementos preservados, o sítio constitui-se em uma das principais áreas onde o processo de industrialização em suas dimensões social, econômica e tecnológica por meio da produção de ferro e carvão pode ser estudada e compreendida, vindo a ser inscrita na Lista do Patrimônio Mundial em 2000.

Blaenavon foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial por meio de dois dos dez critérios que justificam as inscrições². São estes o critério III e IV. O critério III determina que um bem pode ser inscrito na lista por fornecer um testemunho único ou excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva, ou já desaparecida. Neste sentido, considera-se a paisagem de Blaenavon uma ilustração excepcional na forma material da estrutura econômica e social da indústria no século XIX. Já no que se refere ao critério IV, que determina que um bem ou sítio pode ser considerado patrimônio da humanidade se constituir-se em um exemplo excepcional de um tipo de edifício, ou de um conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem, ilustrativo de estágios significativos da história humana, considera-se que os componentes da paisagem industrial de Blaenavon, tomados em uma perspectiva integrada, compõem um exemplo notável de uma paisagem industrial do século XIX.

Fig. 01 - Paisagem Industrial de Blaenavon



Fonte: <http://www.breconbeacons.org/blaenavon-ironworks>

Se Blaenavon possui como principais referentes a questão da exploração do minério e do carvão, recentemente, uma nova paisagem industrial foi inscrita na Lista do Patrimônio Mundial, com novos referentes culturais a caracterizá-la a partir dos processos produtivos, indicando a amplitude do contexto industrial dentro de uma perspectiva patrimonial: a

² A relação dos dez critérios pode ser consultada no Guia de Diretrizes Operacionais para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial (UNESCO, 2015).

Paisagem Industrial de Fray Bentos, que traz o tema do processo de produção e transformação da carne bovina, e que será melhor explorada a seguir.

Paisagem Industrial de Fray Bentos (Uruguai)

A paisagem industrial de Fray Bentos, no Departamento de Río Negro, no Uruguai, insere-se dentro deste contexto de compreensão da relação de interdependência de elementos materiais e imateriais, naturais e culturais, na compreensão de sítios patrimoniais, e de como os referentes industriais, como maquinários, prédios, e outros elementos, encontram-se histórica, física e simbolicamente relacionados ao território onde estão localizados. Situado à oeste da cidade de mesmo nome, o complexo industrial encontra-se banhado pelas águas do rio Uruguai, e vincula-se à própria organização socioeconômica do Uruguai, que durante o século XIX, esteve fortemente vinculada à pecuária.

Neste sentido, Fray Bentos destacou-se na indústria frigorífica com a instalação da fábrica de extrato de carnes pelo engenheiro belga George Christian Giebert, que deu origem, em 1865, à *Liebig's Extract of Meat Company Limited*, a LEMCO e, posteriormente com a instalação do *Frigorífico Anglo del Uruguay*. Segundo Douredjian (2009, p. 21), Giebert escolheu Fray Bentos por causa de sua localização geográfica, por possuir terras abundantes e baratas, gado em toda região e um porto ultramarino para a exportação, que seria a Europa. Além disso, a mão de obra barata e a obtenção de capitais de além Atlântico fechavam o círculo para a futura empresa. A área adquirida pertencia ao inglês Richard Hugues, que possuía uma charqueada no local.

De 1865 à 1824, a Giebert desenvolveu a LEMCO produzindo extrato de carne e carne enlatada, utilizando um método inventado pelo químico alemão Justos von Liebig. Tais insumos formaram uma parte importante da dieta das tropas na Primeira Guerra Mundial. No período de consolidação da LEMCO, a imigração foi estimulada para obter mais mão-de-obra além dos moradores da então *Villa Independencia*, e foram criadas instalações esportivas e sociais, bem como foi promovido o ensino da língua inglesa. De acordo com Sosa (2013), a instalação da LEMCO deu-se estreitamente relacionada à novas pesquisas no campo da indústria alimentícia, tendo ainda como facilidade a existência de um território rural propício para a criação de gado e fornecimento da matéria-prima da indústria, conduzindo a um processo de urbanização que reproduziu, em muitos aspectos, a lógica das *company towns* inglesas no século XIX, de modo que a vida da cidade estava relacionada à vida da indústria.

Em 1924, a área foi comprada pelo *Vestey Group* da Inglaterra, uma vez que a Liebig, diante da crise, optou por abandonar Fray Bentos e consolidar suas atividades na Argentina e no Paraguai. Consolidou-se no local o *Frigorífico Anglo del Uruguay*, cujo crescimento foi estimulado, em parte, pela demanda em função da Segunda Guerra Mundial, principalmente no período entre 1925 e 1950. Estima-se que o Anglo empregava 5 mil trabalhadores, sendo a cidade composta na época por 12 mil habitantes. A cidade de Fray Bentos cresceu e se desenvolveu vinculada inicialmente à LEMCO, e principalmente vinculada ao frigorífico. O auge de desenvolvimento da indústria, nos anos 1940, corresponde também à época de crescimento urbano da cidade, quando as ruas são asfaltadas, é instalada água corrente e saneamento, e ocorre o desenvolvimento de atividades comerciais. Para Rey (2007), a capacidade da indústria em gerir a cidade não se limitou apenas aos limites da empresa, bairro operário, áreas recreativas e esportivas. Com ela se desenvolveu uma população que ainda hoje mantém determinados saberes e ofícios, assim como certas festividades e comemorações vinculadas ao período de maior funcionamento do frigorífico, o que reforça o impacto que a indústria teve no dito espaço territorial e social (REY, 2007). Esse desenvolvimento foi responsável, por exemplo, por Fray Bentos e entorno ter sido a primeira cidade uruguaia a ter energia elétrica.

Passado o período produtivo, com o encerramento das atividades no Anglo em 1967 e uma frustrada tentativa do Estado uruguaio em reativar a fábrica até 1971, veio o abandono, depois o reconhecimento e, por último, a requalificação do espaço. Diferentemente de outros sítios industriais desativados, em que há um esvaziamento dos vestígios e testemunhos do processo produtivo, em Fray Bentos há um conjunto de elementos que serve de suporte de memória não apenas sobre a história do complexo fabril, da cidade e de seus trabalhadores, mas apresentando ainda uma dimensão multiescalar, ao informar sobre o processamento de carnes no Uruguai em uma interface com países europeus, tendo no local o suporte de memória para o global. Nas antigas instalações industriais, ainda existe o maquinário, ferramentas, mobiliário, documentos, fotografias, permanecendo reconhecível o bairro operário e a paisagem e, sobretudo, um grande número de habitantes atuais (sejam ex-trabalhadores ou descendentes deles) que ainda guardam em suas memórias experiências de vida vinculadas àquela atividade fundamental que foi o motor da cidade. Assim, os remanescentes do antigo frigorífico continuam marcando a paisagem, apesar do encerramento das atividades.

No que se refere ao processo de patrimonialização do Anglo, tendo em vista o longo processo produtivo desta indústria, e devido à sua importância na consolidação da cidade de Fray Bentos, o Estado uruguaio considerou importante preservar não apenas a sua

estrutura, mas as memórias vinculadas à mesma. Neste sentido, no ano de 1987, o complexo fabril e o Bairro Anglo são declarados como Monumento Histórico Nacional, que corresponde ao nível máximo de proteção no Uruguai. Já em 2005, é criado o *Museo de la Revolución Industrial* (Fig. 2). Em seguida, houve a ampliação da área que fora declarada Monumento Nacional em 1987, e este complexo passa a se chamar *Sistema Patrimonial Industrial Anglo*. É criada uma comissão de gestão, integrada pela *Intendencia Departamental de Río Negro*, a *Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación CPCN-MEC* e a *Dirección Nacional de Ordenamiento Territorial*.

Em 27 de janeiro 2010, é incluído na lista indicativa da UNESCO para ser declarado como Patrimônio Cultural da Humanidade com o nome *Paisaje Cultural Industrial Fray Bentos*. Em junho de 2014, foi apresentado um dossiê à UNESCO, que solicitou algumas adequações. O reconhecimento ocorreu no dia 5 de julho de 2015, quando na 39ª sessão do Comitê de Patrimônio Mundial, reunido na cidade de Bonn, Alemanha, o *Frigorífico Anglo del Uruguay* e sua paisagem industrial foram declarados como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Figura 2 - Museo de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguai

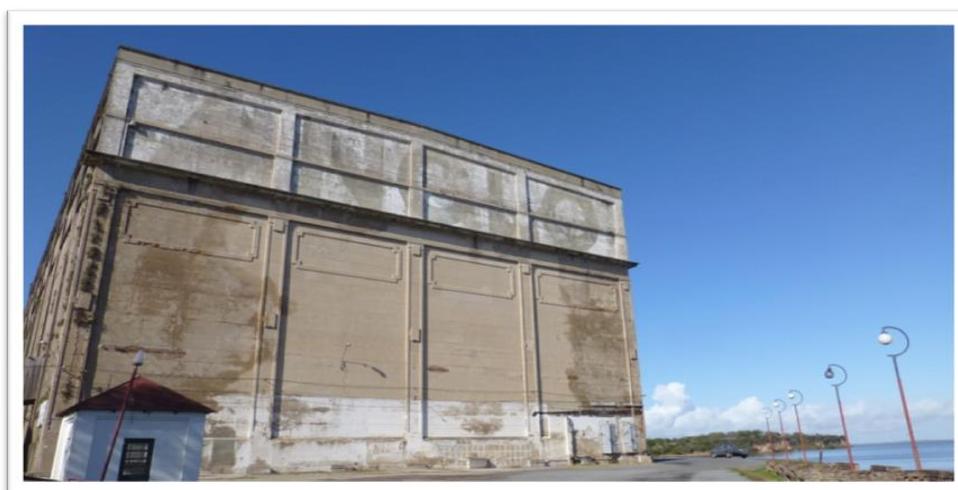


Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor

A Paisagem Industrial de Fray Bentos envolve uma área de 273,8 hectares, e uma zona de amortecimento de 2127,7 hectares, e compreende tanto o setor industrial propriamente dito, em sua relação com as características naturais como o porto às margens

do Rio Uruguai, que então funcionava como escoadouro da produção facilitada pela produção de gado no território, quanto o setor residencial que integrava o complexo fabril. Este envolve as casas de alguns funcionários, havendo uma mistura de plantas endógenas, com plantas exóticas trazidas da Ásia, África e Europa, pela equipe inglesa que veio administrar o local. A área contempla ainda hospital, escola, clubes sociais e cafeteria. Já a área industrial compreende tanto áreas relacionadas à LEMCO quanto ao Frigorífico Anglo, como o departamento de extrato de carne, a área de abate, as câmaras frias (fig. 03), a sala de máquinas (fig. 04), bem como a área de armazenamento de amônia necessária para sua refrigeração, além da sala de caldeira e da chaminé (fig. 05), informando sobre a cadeia produtiva desta importante atividade econômica que consolidou estas duas indústrias no Uruguai e contribuiu fortemente para o desenvolvimento de Fray Bentos e de seu atual reconhecimento como Paisagem Cultural.

Figura 3 - Prédio das Câmaras Frias, às margens do Rio Uruguai.



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor.

Figura 4 - Sala de Máquinas



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor.

Figura 5 - Chaminé da sala de caldeira



Fonte: Fotografia de Ubirajara Buddin Cruz, 2013. Acervo do autor.

A justificativa para inscrição da Paisagem Industrial de Fray Bentos na Lista do Patrimônio Mundial é baseada no critério III, por constituir uma evidência do intercâmbio de valores entre a sociedade europeia e a sul americana, nos séculos XIX e XX, que afetaram

social, econômica e culturalmente tanto a Europa quanto a América do Sul, em função do intercâmbio de tecnologia que permitiu a produção de carne enlatada e congelada em escala global e do afluxo de imigrantes que se instalaram em Fray Bentos; e no critério IV, uma vez que o conjunto de instalações para criação de gado, instalações industriais, instalações portuárias, áreas residenciais e áreas verdes tornam Fray Bentos um exemplo do desenvolvimento industrial do século XX.

Em uma campanha para o reconhecimento da Paisagem Cultural Industrial de Fray Bentos pela UNESCO, o Governo Departamental de Río Negro fez uma série de pequenos filmes que evidenciavam a importância da indústria para a cidade. Em um deles, tratando sobre o *corned beef*, deixa claro o quanto a paisagem e sua representação, no caso o produto, se confundem com o de origem. Sobre o produto mais conhecido, a carne enlatada (fig. 06): “sua penetração e popularidade foram tantas, que alguns britânicos, sentados em suas poltronas, recordam que este alimento, o mais comum na sua infância, também o conheciam como ‘Fray Bentos’” (*RÍO NEGRO. Gobierno Departamental*, 2014).

Figura 6 - Embalagem da Corned Beef Fray Bentos



Fonte: Museu de la Revolución Industrial, Fray Bentos, Uruguai.

O sítio ainda comporta, nas instalações do Museu de la Revolución Industrial, o Archivo Liebig's Anglo, que possui um vasto acervo de documentos gráficos, escritos, orais e audiovisuais relacionados ao complexo, como catálogos de maquinários, fotografias, registros e fichas dos trabalhadores, jornais, livros de química informando sobre os processos, entre

outras informações. Atualmente, está em processo o levantamento e registro de depoimentos de ex trabalhadores, a partir de um convênio do Museu com *Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación*, do *Ministerio de Educación y Cultura*. O próprio museu se estende para além das paredes fabris, sendo concebido como um museu de sítio, reforçando essa conexão entre a atividade, as instalações, e as características do território.

Considerações Finais

Mais do que uma categoria de bem patrimonial, o entendimento de Paisagem Cultural nos instiga a lançar um olhar mais integrado às diversas manifestações que compõem os bens patrimoniais de determinado território. Pode ser considerado, assim, uma abordagem de compreensão e gestão da paisagem enquanto efetivamente um sistema, conforme nos informa Sauer (1998), um complexo de partes interdependentes que só podem ser plenamente compreendidas a partir da compreensão de sua conexão. Apesar do pequeno número de paisagens industriais inscritas como Paisagem Cultural Mundial, algumas paisagens contemplam, nesta interação entre sociedade e meio ambiente, relações com referentes industriais, como a Paisagem de Agave e as antigas instalações industriais de Tequila, no México, que apesar de centrar-se nas plantações e nos saberes associados ao plantio e produção de Tequila, possui no elemento industrial componente essencial para a compreensão daquela paisagem.

Propõe-se aqui que pensar os referentes patrimoniais como uma paisagem, em forma de um sistema, pode garantir a valorização não apenas da materialidade das instalações fabris e do maquinário, bem como de sua história, mas ainda dos saberes vinculados às atividades ali desenvolvidas, e dos sujeitos responsáveis por tais atividades, pois a preservação de referentes patrimoniais deve fazer sentido, em primeira instância, aos próprios sujeitos, enquanto elemento de reconhecimento identitário. No caso de Fray Bentos, o processo de patrimonialização inicia-se visando garantir a preservação do complexo fabril já enquanto complexo, sistema, vindo, recentemente a agregar novos elementos à composição desta paisagem que, apesar de ter sua principal atividade produtiva encerrada, traz a partir dos depoimentos de ex trabalhadores, essa esfera de ressemantização de valores atribuídos ao patrimônio industrial, propiciando a valorização dos *faceless ones*, ou dos *unknown labours*, como afirmava Fowler, trazendo à tona a necessidade de considerarmos o patrimônio

enquanto algo praticado, vivenciado e experienciado pelos sujeitos que o compõem e validam enquanto atribuição de significado.

Referências Bibliográficas:

BRAGHIROLI, Ângelo Carlos Silveira. **Una nueva utopia**: rescate del patrimonio industrial en el sur del Brasil: el conjunto de la industria frigorífica Armour. 2014. 390f. Tese (Doutorado). Programa de Doctorado en Historia del Arte y Gestión del Patrimonio en el Mundo Hispánico. Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, 2014.

CARTA de Nizhny Tagil sobre el patrimônio industrial. Moscú: [TICCIH], 2003.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

CRUZ, Ubirajara Buddin. **Fotografia e memória**: as câmaras frias dos extintos frigoríficos Anglo de Pelotas (Brasil) e Fray Bentos (Uruguay). 2016. 207 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

DOUREDJIAN, Alberto. **Sobre inmigrantes y frigoríficos**: el Anglo y los trabajadores (1924-1954). Montevideo: Tradinco, 2009.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio Industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. In.: **Museologia e Patrimônio**. v. II, nº 1, jan-jun. 2009. pp. 09-21. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/issue/view/6/showToc>> Acesso em: 21 mar. 2016.

FOWLER, Peter. World heritage cultural landscapes: 1992-2002. In: UNESCO. **World Heritage Papers nº 6**. Paris, França, 2003. Disponível em <<http://whc.unesco.org/en/series/6/>> Acesso em: 28 jul. 2014.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas Patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 1995.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SOBRINO SIMAL, Julián. Nuevas estrategias de gestión patrimonial: el Programa de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico Industrial de la Consejería de Obras Públicas y Transportes de la Junta de Andalucía. In: **Transportes, Servicios y Telecomunicaciones**. Madrid, n.8, 2005. Disponível em: <<http://www.tstrevista.com/descargas/dossier7.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

_____. Ver y hacer ver: modernidade y arquitectura industrial en España. In: **Areas. Revista Internacional de Ciencias Sociales**. Murcia, n. 29, p.31-38, 2010.

SOSA GONZÁLES, Ana María. Historias que hacen historia: imigración y memoria en Frigorífico Anglo de Fray Bentos. **Revista Expressa Extensão**. Pelotas, v. 19, n. 1, p.49-62, 2013.

TRACHANA, Angélique. La recuperación de los paisajes industriales como paisajes culturales. In: **Ciudades**. n. 14, p. 189-212. Disponível em: <<http://www3.uva.es/iuu/ciud14.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

UNESCO. Recommendation concerning the safeguarding of the beauty and character of landscapes and sites. In: UNESCO. **Records of the general conference**: 12th session. Paris, França, 1963. p. 139-142. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001145/114582e.pdf#page=14>> Acesso em: 27 set. 2014.

UNESCO. **World Heritage Papers nº 26**: world heritage cultural landscapes, a handbook for conservation and management. Paris, França, 2010. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/series/26/>> Acesso em: 05 out. 2013.

UNESCO. **Operational guidelines for the implementation of the world heritage convention**. Paris, França, 2015. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/guidelines/>> Acesso em: 12 ago. 2015.